

(BEYOUND) !!ROCK & ROLL!!

1. Introdução

Concertos há muitos. Há-os de estádio, de pavilhão, de música erudita, de música popular, de audiências acomodadas e de audiências revoltas. Tenho alguma experiência de todos eles, sendo da opinião que as experiências mais emotivas se conseguem sempre em concertos de pavilhão, com audiências revoltas...

Mas escrever «emoções» é propositadamente vago. Há emoções que dispensámos, ou que não sendo dispensáveis não nos induzem regozijo.

Se a memória não me falha, foi há dois anos que pude assistir ao concerto dos Sonic Youth na praça de touros do Campo Pequeno, em Lisboa. Os Sonic Youth promoviam na altura o seu álbum «Dirty», recheado de maravilhas, sempre eléctricas e distorcidas, embebidas numa energia quase inacessível a quem não seja atleta de alta competição! Como sempre, os melhores bilhetes que se podiam comprar eram os mais baratos, com acesso à «arena», sem direito a rabo sentado na pedra fria das bancadas, mas passaportes perfeitos para um teste de resistência física completamente para lá do indicado a... menos preparados.

O ambiente que rodeia um concerto dos Sonic Youth não tem nada a ver com a própria banda. Geralmente ocorrem cenas de grande violência, que os seus protagonistas julgam ter relação com a música do grupo. No dia de que escrevo, pelo menos dois jovens foram indiscriminadamente espancados até à inconsciência, por um grupo de vândalos cobardes, ainda no exterior da praça de touros...

Todavia, uma vez no interior do recinto, mesmo os mais alarves sabem que a actuação da «juventude sónica» não acorda com violência, mas antes com extravasos energéticos, dependentes da noite, do local de actuação e da disposição dos «performers».

Depois de «Tina & the top 10» e dos «LuluBlind», os Sonic Youth pisaram o palco que os sobrelevava de uma massa humana muito agregada, quase invariavelmente masculina, de calções de ganga e t-shirt. Aos primeiros acordes de distorção este agregado começou a gritar, a vacilar, a pular, a espasmar de braços e pernas, a cair, a empurrar-se, a abrir círculos em que os mais poderosos se faziam colidir, a testemunhar «stage divers» e a tolerar sónicos que rolavam por cima dos crâneos de terceiros. Isto sem qualquer descanso e sem qualquer atenuação, durante duas horas consecutivas!!! Uma provação física inacreditável, certamente que no limite da resistência de muitos dos presentes, sempre ao som da «melhor banda de Rock do mundo», conforme opinam muitos devoradores de música e dinossauros destas andanças.

Para ouvir Sonic Youth ao vivo, ou você é de pedra (ROCK) ou fica por casa, muito bem acompanhado pelas B&W P5, onde «P5» deverá estar a abreviar qualquer coisa como «Power to the 5th», tal a preparação que se lhes nota!

ROCK com ROLL só mesmo para quem experimentou as duas coisas. Como eu.

Todavia, não fique o leitor com a impressão de que as P5 não são generalistas: o acesso ao «clube de todos os géneros» é possível, mas não garantido com o «ticket» mais acessível. Foi preciso progredir de um Audiolab 8000A para dois monoblocos dos mesmos ingleses, para «desentupir» certas inibições das B&W e para lhes ter mão em determinadas vaidades.

2. Descrição

As B&W P5 são umas colunas de chão, de três vias, com praticamente um metro de altura, com acabamentos de grande qualidade, em madeira de mogno. A sua largura de vinte centímetros contribui para um aspecto elegante e até discreto, ponto positivo para quem se preocupa com estas coisas.

As três vias da P5 são complementadas por duas saídas «bass reflex» frontais. Atrás só estão presentes os terminais de ligação a cabo de coluna, dourados, ergonómicos e aceitando «bananas» de 4mm.

Os altofalantes desta coluna aparentam investigação exclusiva da B&W, fazendo-se uso de cones «Cobex» e «Kelbar», ambas marcas registadas. A unidade de agudos é de metal, arrefecida a fluído magnético. A unidade «Cobex» é curiosa, com uma estrutura de matriz em trança, de cor amarelo-dourada.

Um painel negro destacável oculta e protege as unidades das colunas, não me parecendo que tenha qualquer influência no seu desempenho sónico.

Eis algumas características técnicas, de acordo com o fabricante:

- Potência contínua admissível: 50 W a 200 W
- Gama de frequências de resposta: 42 Hz a 20 kHz
- Sensibilidade: 90 dB
- Impedância nominal: 8 Ohm
- Frequências de crossover: 150 Hz e 3 kHz
- Dimensões (altura x largura x profundidade) em milímetros: (905 x 200 x 285)
- Peso por coluna: 14.5 Kg

3. Hard & Software

As B&W P5 foram integradas no meu sistema de áudio habitual, cujos módulos relevantes descrevo de seguida, incluindo as colunas, já que não dispensei o habitual comparativo com as minhas referências:

- Amplificador Audiolab 8000AII
- Leitor de CD Sony CDP-997
- Cabos de interligação Straightwire Musicable-2

- Cabos de coluna Straightwire WaveGuide-8
- Colunas Infinity Reference 50
- Tudo apoiado em mesa Target TT5
- Tudo com bananas Straightwire Gold Edition 24K

A selecção musical foi muito vasta, indo desde tendências Jazz a música erudita, embora estabilizando, a partir de certa altura, em álbuns mais «rockeiros», face à tendência comportamental que identifiquei nas P5, pelo menos com amplificadores relativamente acessíveis, como o meu Audiolab 8000A e o Arcam Alpha 5. Eis alguns dos discos que mais contribuíram para a minha opinião, por «ordem crescente de violência», se é que tal existe ou faz sentido... no geral, creio que compreenderão:

- Pierre Boulez / Stravinski / O Pássaro de Fogo
- Laurie Anderson / Bright Red
- Queen / Greatest Hits 2
- Grant Lee Buffalo / Fuzzy
- Pet Shop Boys / Very
- Bjork / Debut
- Pixies / Trompe le Monde
- Elastica / Elastica
- Pearl Jam / Universal Edition (LIVE + MTV Unplugged)
- Faith No More / Angel Dust
- Nirvana / Nevermind
- Nirvana / In Utero
- Sonic Youth / Dirty
- Ministry / The Land of Rape & Honey

Na última semana de audições, o «meu sistema» passou a ser constituído por dois poderosíssimos monoblocos Audiolab 8000M, controlados pelo recente e nobilíssimo prévio Audiolab 8000Q, gentilmente emprestados pela Delaudio, num gesto de um altruísmo para lá de qualquer adjectivação, tal a magnificiência do conjunto, tão elevada que eu tenho dificuldades em conceber alguém no mundo que suporte uma separação, ainda que breve, destas eloquências suberbas! Este conjunto que a Delaudio representa, tornou-se a minha referência ABSOLUTA, para qualquer escalão de preços!!

O 8000Q e os 8000M, sem contradizerem a óbvia aptidão das B&W P5 para música «viva», acordaram-lhes uma data de características, desde o desinibir das altas frequências, até uma precisão de localização e segurança na apresentação musical, completamente novas! Estava justificado um «revisitar» de alguns álbuns mais delicados, que acabaram por assegurar o desejado selo de «generalistas» às B&W P5, depois de muitos dias em que a sua diferença (para melhor) de comportamento entre material «enérgico» e «delicado», foi tal que motivou suspeitas de «especialidade».

O sistema - bastante mais dispendioso - que desintoxicou as P5 do seu vício por software agressivo, transformando-as em atletas saudáveis e

muitíssimo (mesmo muito!!) performantes em todo o terreno, distingue-se do sistema inicial nos seguintes módulos e cabos:

- 2 (dois) amplificadores Audiolab 8000M, um por coluna (158 contos cada 8000M)
- Pré-amplificador Audiolab 8000Q (207 contos)
- Cabos de coluna Audioquest Crystal Hiperlitz, preparados para bicablagem (3873\$ / metro)
- Cabos de interligação entre CD e prévio, Audioquest Ruby (15 contos / par de 1 metro)
- Cabos de interligação entre o prévio e os monoblocos, Van Den Hul D102 III (18 contos / par de 1 metro)

Alguns dos álbuns mais relevantes para que a minha opinião das P5 saltasse de «especialistas» para «generalistas» foram:

- Michael Nyman / OST Piano
- Massive Attack / Protection
- Belly / Star
- O Yuki Conjugate / Undercurrents (IN DARK WATER)
- Pelikan Daughter / Fishbones & Wishbones

4. Opinião Absoluta

4.1 Primeiras impressões / usando o Audiolab 8000A

Antes de ter à minha disposição o trio de sonho da Audiolab (8000M, 8000Q, 8000M), convivi com as B&W P5, sempre alimentadas pelo meu fidelíssimo 8000A, tendo escrito as seguintes linhas, que cheguei a julgar definitivas: “Conforme já terão adivinhado alguns dos leitores, as B&W P5 são umas colunas de sonho para ouvir música «mais pesada»! As suas duas saídas «bass reflex» frontais, a sua bela caixa e as três vias musicais, são características de músculo que resultam num som grande e forte, muito mais à vontade e eloquente com material de natureza análoga do que com belos arranjos florais de papoulas, envolvidos em frágil seda entrançada... o que não quer dizer que as papoulas percam as pétalas - quer antes significar que o desempenho em matagais e roseiras é de um nível superior!

Ouvir Ministry com as B&W P5 é sentir a carne nos ossos! É sermos espectadores de violentas rajadas de som, directas à nossa pessoa, impiedosas com o que quer que encontrem. Afaste as P5 dos cantos, ou tudo o que não esteja firmemente apoiado quererá também dançar...

O que há de menos bom nas P5 é o comportamento da sua unidade de agudos, que soou sempre pouco transparente, se calhar contribuindo indirectamente para uma sensação de tendência para o grave, omnipresente em músicas que eu sei serem mais delicadas. Todo o álbum «Bright Red» de

Laurie Anderson - um autêntico viveiro de paisagens sonoras, pequenas histórias e confissões de personagens musicais, quase filmicos tal a adequação dos arranjos - perdeu detalhe, profundidade e largura. O estreitamento do palco sonoro é da personalidade das P5, mas a profundidade e o detalhe já parecem sofrer com o desempenho da unidade de agudos.

Em contrapartida, se ouvirmos álbuns menos dependentes da atmosfera ou da «aura» de cada coluna, o corpo da onda média - muito sólida - e as coerência e poder do grave, são francamente elogiáveis, responsáveis por emoções auditivas «a valer», com material mais «designed» para isso.

Pixies e Nirvana, formações entretanto extintas, «rebetam» das B&W para fora, na verdadeira acepção da palavra! Se ouvirmos as P5 a bom volume durante, por exemplo, uma hora, quando formos trocar de disco, no intervalo de silêncio, vamos notar-nos afectados de um zumbido constante, tal as pressões sonoras debitadas pelas inglesas!

Assim, como característica mais marcante destas colunas, temos a sua tendência «rockeira» - o seu maior à-vontade com música mais enérgica. Do ponto de vista de projecto, as duas saídas de «bass-reflex» frontais e um terceiro altofalante na caixa, deverão contribuir imenso para a «musculatura» que venho descrevendo.

A onda média é corpórea e instrumentos de caixa, como guitarras clássicas, são reproduzidos com um realismo adicional que, de luzes apagadas e com a gravação adequada, quase nos deixa acreditar na existência dos «performers» ali à nossa frente. Bom realismo!- Listen & You'll See (Ouça e verá), tal como apregoa a B&W...

O grave pauta os andamentos com uma coerência muito semelhante à minha referência neste capítulo (as colunas Castle Chester), eventualmente dificultada pela «gestão» de três altofalantes (contra apenas dois nas Chester, via técnica «Quarter Wave»).

A unidade de agudos é que soa aquém das companheiras, ou por impossibilidades reais ou por ofuscamento, tal a quantidade de som com origem nos cones; desta forma a música soa menos transparente do que devia, o que acentua o carácter «pesado» das P5.

O palco sonoro é menos largo do que eu estou habituado, mas isso não influencia em nada a minha opinião, já que esta me parece das tais coisas que «é uma questão de hábito». Quanto à profundidade da imagem estéreo, ei-la um tanto atacada pela transparência.

As B&W P5 são umas BOAS colunas para quase todos os géneros musicais, à excepção de obras que vivam de uma extrema claridade e pé-de-igualdade entre detalhes. São particularmente felizes com ROCK & afins, mas esse desempenho tem um preço, que pode ser mais que justificado, consoante os seus gostos."

4.2 Opinião Definitiva (ou o salto) / usando o «Dream Trio»

As B&W P5 são umas colunas francamente sensíveis à amplificação, portando-se (valha-nos isso!) tanto melhor, quanto mais nobre esta for, pelo menos até ao limite das experiências que tive possibilidade de realizar. Ouvi as P5 com um Arcam Alpha 5, um Audiolab 8000A e, finalmente, com o tal «DREAM-TRIO» (8000M, 8000M, 8000Q), acabando por atingir um estágio de desempenho, que me proporcionou - sem qualquer dúvida! - algumas das audições mais qualitativas de toda a minha vida.

O «dream trio» arrancou as P5 da «especialidade rockeira», levando-as bem para lá dessa estrita aptidão, tendo-lhes mão e injeção tais, que até o delicadíssimo «O Yuki Conjugate / Undercurrents», com sonoridades absurdamente frágeis, colhidas no fundo do lago de Loch Ness, na Escócia, soou inabalável na segurança da fluidez líquida representada, a qualquer volume - quem teve acesso a esta edição limitada do álbum, deve ter alguma noção do que escrevo... o ondular das águas a 230 metros de profundidade (a profundidade máxima do lago), osquestrado de belos arranjos e paisagens sonoras, é uma experiência algo mágica, principalmente sabendo que o trajecto de recolha dos sons subaquáticos se faz no sentido da «foz» (rio Ness) para os afluentes (Foyers, Enrick e Oich), supostamente o trajecto do mítico monstro de Loch Ness, na tarde de 1975 em que alguns investigadores da «American Academy of Applied Science» crêem ter recolhido dados que referiam a existência de um grande corpo sólido...

Embora eu continue a opinar que o palco sonoro das P5 projecta os graves constantemente ligeiramente à frente da restante informação musical, «encobrendo-a» de certa forma, a verdade é que os extremos sonoros opostos (os agudos) começaram finalmente a conseguir afirmar-se a bom nível. Quando a música se presta pouco a graves realmente baixos, testemunham-se uma onda média e superior, limpíssimas, «zero-agressive», com uma precisão de localização estonteante, que se calhar - em contrapartida - pode estar na origem de uma «aura» menos grande e sumarenta - é o que eu chamo de uma espacialidade menos vasta.

Embora provando-se definitivamente muito aptas para qualquer género musical, nem que seja pela magnificiência com que tocaram «O Yuki Conjugate», as B&W P5 são de morrer de amor e requisitar o rehomícidio, quando tocam BEM ALTO ou quando tocam música emotiva, isso a qualquer carga. Cada um de nós se emociona em condições diversas, mas é francamente provável que a intensidade da emoção seja minimamente proporcional ao volume...

A nona faixa («Heat Miser») do álbum «Protection» dos adoráveis «Massive Attack», tem a tempo inteiro uma respiração «Darth Vader» como informação de fundo, enquanto que «à frente» ouvimos um piano, com um tempo marcado a bateria, com uma força que desloca telhas! É bem verdade!!- Algumas das telhas da casa que arrendo em Lisboa deslocaram-se durante uma audição mais excessiva, mercê da abissal ressonância induzida na estrutura. Nessa tarde alguns vizinhos arrastaram-se até às janelas de seus lares de forma a averiguarem o misterioso alvoroço que entretanto se gerava. Coisas da vida. Casos de áudio.

Com o «dream trio» o palco sonoro das P5 ganhou bastante altura, mas não tanta profundidade. O som destas P5 é definitivamente de grande luxo, de grande dimensão, de grande força, para lá de qualquer género musical específico, com uma tendência indiscutível para a batida avassaladora, ainda assim de uma docilidade espantosa, considerando que nunca, mas mesmo NUNCA, apeteceu ouvi-las mais baixo ou sequer parar de ouvi-las!

A sétima faixa («Slow Dog») do álbum «Star» das meninas «Belly», está recheado de guitarras no limite das escalas, que nunca conseguiram perturbar ou esgançar os agudos das P5, sendo esta mais uma prova da excelência destas colunas, desde que MUITO BEM amplificada\$. Que mais exemplos me ocorrem?- Ainda na mesma música do mesmo disco, para o final as «Belly» entram todas em trabalho vocal, embalando os respectivos instrumentos com uns «Uh, Uh, Uh» que são francamente difíceis de contrastar dos pratos e guitarras (porque precisamente os embalam), sem que tal dificuldade parecesse existir para estas B&W - um momento de grande afirmação, onde - não tenho dúvidas - a QUALIDADE da amplificação terá sido crucial!

5. Opinião Relativa

5.1 As primeiras impressões, usando apenas o Audiolab 8000A:

Ainda antes de me ser gentilmente emprestado o «dream trio», tinha escrito as seguintes linhas sobre as P5: “Relativamente às minhas Infinity Reference 50, as B&W P5 são francamente insuficientes na limpidez e na transparência em geral. Embora sejam agradáveis e realistas, as P5 denotam um «peso» a que não estou habituado e que não se limita às insuficiências da unidade de agudos. É verdade que toda a música soa mais entroncada, como que «ganhando ombros», mas é como quando uma imagem sofre compressão na vertical, sem o correspondente ganho na horizontal: a imagem fica distorcida em altura, com tudo e toda a gente a parecer o Arnold Schwarzeneger.

Com as P5 a exuberante alegria não é acompanhada pela expectável e desejável «limpeza» equivalente. Para um corpo musical desta envergadura, seria óptimo que as dimensões do palco crescessem para trás... mas antes disso seria preciso que se erguesse o véu ou, ao menos, que se tornasse transparente...

Todavia, embora sensível, esta pareceu-me ser a única «imperfeição» das B&W P5. Também acredito que com amplificadores mais poderosos ou mais atrevidos, como o LUXMAN A-331 que testei há um mês, este problema se atenua, eventualmente até à anulação, fazendo despontar umas colunas potencialmente paradisíacas.

As Infinity Reference 50 permanecem a minha referência no geral, se bem que em capítulos específicos, depois de encontrar a coerência de «baixo» das Castle Chester e o corpulência de onda média destas B&W P5, comecem - finalmente! - a surgir pontos onde eu descubro ser possível fazer

melhor, a preços super sensatos. Ainda assim, a música não é um retalho de frequências e o que realmente tem valor é o conjunto e o prazer da sua fruição; desta forma, com a minha habitual sinceridade, confesso que continuo por ouvir coisa que soe tão bem como as Infinity Reference 50, pelo menos quando alimentadas pelo Audiolab 8000A, na minha sala, com os meus módulos e cabos... As colunas que andaram lá mais perto foram as Monitor Audio Studio 2, as Castle Chester e estas B&W.

Para muito amigos meus, as P5 poderão ser a coluna ideal: são tão desinibidas na força, tão coerentes no grave e tão capazes de chocalharem salas que nada mais lhes merecerá ponderação! Para estes meus amigos, mais do «a música acima de tudo», estará «a minha música acima de tudo», sendo a música «deles», precisamente o género que cai bem às B&W! Infelizmente eu sou um pouco mais complicado: não tenho género musical, gosto de (quase) tudo, pelo que é mais complicado encontrar uma coluna de som em que não ache «imperfeições». Em compensação, também é mais difícil eu ouvir uns altofalantes de alta-fidelidade, dos quais não goste de maneira nenhuma.

Para finalizar, retomo o ponto da menor largura de palco das P5 - a tal coisa que considero uma verdadeira questão de hábito. O que se passou, foi que as P5 necessitam de estar bem longe de qualquer parede, de forma a não «ribombarem». Eu não sou radical com nada e acho que isto do «bem longe» poderá ser qualquer distância a partir dos 75 centímetros. Ora, na minha sala, embora francamente afastadas das paredes de trás, uma das Infinity está a menos de 75 cm. de uma parede lateral, maneira que para ouvir as B&W no seu melhor, tive necessidade de modificar ligeiramente a minha «geometria de audições», dispondo as próprias colunas mais próximas entre si, do que é hábito. Esta maior proximidade poderá ter influenciado a ideia do «palco menos largo», mas não creio, porque, mesmo suportando algum «BUM BUM» parasita, também experimentei a configuração típica, sem que constataste diferenças relevantes para esta discussão.

De todos os álbuns que mencionei em «Hard & Software», devo referir que é com Bjork que as P5 melhor se portam, no sentido mais se aproximarem das Infinity. Os «sininhos» e restantes detalhes de «O Pássaro de Fogo» afogam-se um tanto, ao passo que a batida de «Its a Kind of Magic» dos Queen, surge a cocear tal qual cavalo indomado! As guitarras históricas dos Sonic Youth acalmam-se um pouco, mas no seu todo a «juventude sónica» ouve-se mais emotivamente, apetece de imediato ir fazer qualquer coisa que desperdice energia a valer, como nadar, jogar futebol ou lavar o chão da cozinha.

Faith No More fazem-nos quase espumar, principalmente na fase repetitiva do «Be Agressive»!- Ouvindo bem alto, quase que apetece sair de casa para resolver a guerra na Bósnia!! Ministry têm o mesmo efeito, mas com eles desaparece em definitivo qualquer intenção de solução pacífica... não se esqueçam que estão em último lugar da lista...

Enfim: estas B&W P5 são uma maravilha para a emoção!! Não são perfeitas, mas isso também não existe. Agradaram-me, mas alimentaram-me esperanças maiores.

5.2 Opinião relativa com o «DREAM TRIO»

As Infinity Reference 50 não melhoraram o seu desempenho quando alimentadas pelos monoblocos 8000M e controladas pelo 8000Q, por incrível que isso pareça! A introdução de mais cabos entre a fonte de sinal e as colunas poderá ter «viciado» o jogo, ao ponto de o som se ter tornado «menos rápido», com «menos estaleca», ainda que mais seguro a volumes extremos, principalmente no que toca ao «baixo». Estas diferenças que escrevo são muito pequenas - existem, mas apenas se detectam em audições «analíticas», preocupadas com os «singulares», mas alheias da música.

Fica a sensação de que conjuntos (prévio + amplificador) ganham em relação às amplificações integradas, principalmente quando as colunas são «chatas», o que não é o caso das Infinity Reference 50.

A onda média e os agudos das Infinity permaneceram (principalmente os agudos) melhores que os seus equivalentes nas B&W. Esta opinião é corroborada por Nuno Marques, João Cabral e Carla Alexandra, algumas das pessoas mais «acostumadas» às minhas «sessões auditivas».

Com o «baixo», passou-se o contrário. As B&W levaram a melhor sobre as Reference 50, conseguindo um grave soberbo, espantosamente rápido e seco, o suficiente para me parecer uma referência, ao preço.

6. Resumo

6.1 Com o Audiolab 8000A:

As B&W P5 são umas colunas de chão de três vias e duas saída «bass-reflex», altamente vocacionadas para música «mais pesada». Se você ainda tiver uma gota de adrenalina no corpo, é garantido que com música «adrenalinica» fica energético para o resto da semana, dispensando todos os chás medicinais e embalagens de «Prozac» que tiver por casa.

As B&W P5 seriam, para o meu gosto, umas colunas MUITO BOAS com qualquer género musical, não fosse uma certa falta de transparência, que parece ter origem na unidade de agudos. Assim, para uma dieta polivalente não serão propriamente imbatíveis...

Mas se «polivalências» não lhe interessam e tem uns gostos âncorados em grupos eléctricos, pesados ou pelo menos nada «paisagísticos», como Smashin Pumpkins, Morphine ou qualquer um dos últimos da minha lista em «Hard & Software», então esforce-se o mais que conseguir para ouvir as B&W P5, porque as probabilidades de serem a sua coluna de sonho são BASTANTE elevadas.

6.2 Com o DREAM TRIO: 2 x Audiolab 8000M & Audiolab 8000Q

Nestas condições paradisíacas, e se exceptuarmos as Infinity Reference 50, as B&W P5 são as melhores colunas que já ouvi, sendo todavia necessário salvaguardar que «meninas» de outros testes, como as Castle Chester e as Monitor Audio Studio 2, não tiveram a sorte de serem alimentadas com o mesmo luxo (talvez por serem francamente menos chatas com a amplificação).

As P5 podem insistir numa personalidade que adianta os graves, no espaço, em relação à restante informação musical; podem continuar com mais altura do que profundidade; podem não ser um exemplo de transparência, mas tornam-se tão exímias, tão emotivas, tão excelentes em tudo o resto, que é simplesmente maravilhoso ouvi-las tocar.